[Recensão a] Silva, Maria João Oliveira e – A escrita na Catedral. A chancelaria episcopal do Porto na Idade Média

Autor(es): Santos, Maria José Azevedo

Publicado por: Centro de História da Sociedade e da Cultura

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/39372>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1645-2259_14_14

Accessed : 26-Apr-2023 13:50:54

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

14
2014

R

evista de História da Sociedade e da Cultura

Centro de História da Sociedade e da Cultura
Universidade de Coimbra

Coimbra

lugares e pessoas. Um conceito que, embora não explícito, se me afigura subjacente à escrita da história do autor.

Sérgio Campos Matos

sergiocamposmatos@gmail.com

Universidade de Lisboa, Centro de História

Silva, Maria João Oliveira e – *A escrita na Catedral. A chancelaria episcopal do Porto na Idade Média*, edição: Centro de Estudos de História Religiosa; co-edição Centro de Investigação transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória”. Prefácio de Maria Josefa Fuentes, Lisboa, 2013, 398 págs.

Maria João Oliveira e Silva é investigadora e bolseira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, tendo realizado a sua carreira académica na Escola da cidade que a viu nascer – a Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Aqui, obteve os três graus do Ensino Superior: Licenciatura, Mestrado e Doutoramento em História. Apesar de muito jovem, tem revelado possuir dotes notáveis, na área, em especial, das Ciências da Paleografia e da Diplomática, reforçados, diga-se, por uma assinalável cultura humanística, uma inteligência fina e um bom domínio da palavra escrita.

A obra em epígrafe corresponde à tese de doutoramento, orientada pela minha Estimada Colega Doutora Cristina Cunha, e por mim própria que, então, aceitei o seu amável convite.

Maria João Oliveira e Silva, entusiasmada e apaixonada pelo estudo da Sé do Porto, concretizado na dissertação de Mestrado, hoje livro, intitulada *Scriptores et notatores. A produção documental da Sé do Porto (1113-1247)* [Edição da Fio da Palavra, 2008], deu continuidade a esta inesgotável linha de investigação. É a autora quem, na Introdução, escreve: “queremos continuar o trabalho desenvolvido na Dissertação de Mestrado”. Com efeito, mantendo-se “dentro” da instituição eclesiástica em apreço, avançou no tempo mais de um século e meio, ou seja, estabeleceu como termo *ad quem* o ano de 1406, data que marcou a transferência do senhorio episcopal da cidade para o Rei.

Sustentado pela informação transmitida por várias centenas de cartas (cópias e originais), o estudo é constituído a partir do dado inquestionável de que a escrita, o mesmo é dizer, os “modos de escrever”, é em si mesma uma privilegiada fonte de conhecimento do indivíduo e da sociedade. Com uma estrutura e metodologia irrepreensíveis, a obra distende-se por oito capítulos distribuídos por II.^{as} Partes. Na primeira, são analisadas, com rigor teórico e prático, as características da organização, estrutura e funcionamento da(s) chancelaria(s) da Sé: a do prelado e a da Audiência. É admirável verificar como este órgão de governo espiritual influencia e é influenciado por factores internos e externos determinados pela instituição e pelos seus “gestores”. Para além do estudo diplomático do *corpus* documental, a Autora dedica um capítulo ao único cartulário medieval da Sé, até hoje conhecido. Trata-se do Censual do Cabido, a que atribui a data crítica do episcopado de D. Pedro Afonso (1342-1354), cuja elaboração, à semelhança de outros, se deveu à exigência de um desejável e eficaz controle da esperança de vida dos documentos originais que faziam prova dos direitos e propriedades da Sé portuense. A segunda parte insere-se nas mais modernas correntes do tratamento paleográfico e diplomático das fontes e da sua linguagem cultural e social. A escrita, ontem como hoje, é sempre um barómetro das condições humanas e materiais em que é produzida.

Numa feliz e original expressão, o “Porto escrito”, descobrimos, entre muitos outros aspectos, o quadro morfológico de evolução das grafias adoptadas pelos notários, do século XII a inícios do século XV, relacionado de perto com o ensino, nas escolas da Sé e da cidade, e com as práticas da leitura e da grafia. Eram tempos, no entanto, de fraca difusão social activa da aptidão para a escrita, pelo que, na comunicação, dominava a oralidade protagonizada, em circunstâncias oficiais, pelos pregoeiros. “Os homens do pregão”, nas palavras da Autora, contribuem para um melhor conhecimento do quotidiano da Sé e da cidade. Retirados das cartas inertes a que deram vida pela voz, ficamos a conhecer os seus nomes, as condições de trabalho, os lugares que percorriam e a natureza e duração dos pregões.

Como remate, encontramos, na obra, largas dezenas de páginas ocupadas por quadros extensos e pormenorizados que, a par das inúmeras figuras de cartas, selos e sinais, editados ao longo do estudo, muito contribuem para ilustrar as múltiplas matérias abordadas.

Resta-nos, pois, salientar, uma vez mais, a importância e a qualidade superior de um trabalho de grande honradez e brio científico, que, em tudo, concorre para um maior e melhor conhecimento do Porto medieval, em particular da sua emblemática Sé.

Maria José Azevedo Santos

FLUC/CHSC

mazevedo_santos@yahoo.com

SOUSA, Dina Fernanda Ferreira de, *Arte doceira de Coimbra. Conventos e tradições. Receituáros (séculos XVII-XX)*, Sintra, Colares Editora, 2013 (123 pgs.)

Os temas da alimentação, da gastronomia e da doçaria estão atualmente na moda, sendo objeto de forte investimento por parte das editoras e dos media, convertendo-se livros em *best sellers* e programas televisivos de culinária em campeões de audiência. Inclusive, alguns reputados chefes de cozinha, entendidos, nos dias de hoje, como criadores de atos artísticos efêmeros, têm-se elevado ao estatuto de estrelas mediáticas. Pontualmente, os temas da alimentação ressurgem na cena política seja por questões de segurança agroalimentar seja pelo facto de o turismo dos dias de hoje ter avançado na qualificação de especialidades gastronómicas, consideradas memórias de um território, das suas gentes ou glórias locais, associando-se produtos alimentares a regiões ou a localidades. Decididamente, a culinária, como expressão cultural que é, tal como bem assinalou Massimo Montanari (Jean-Louis Flandrin; Massimo Montanari, *História da alimentação*, Lisboa, Terramar, 2008), rompeu o universo doméstico e o território das cozinhas e, atravessando paredes, invadiu o espaço público, incorporando o nosso quotidiano...

A ciência histórica não ficou alheia a este processo, não obstante o historiador Fernand Braudel, nos anos 1960, muito ter investigado sobre a história da alimentação no âmbito das suas pesquisas sobre os aspetos mais elementares da cultura material humana: a comida, a habitação e o vestuário. Foi também nesta década que, com introdução histórica de